

O SIMBOLISMO DO JADE NOS *TEOAMOXTLI* DO GRUPO BORGIA

Leila Maria França*

FRANÇA, L.M. O simbolismo do jade nos *teoamoxltli* do Grupo Borgia. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 14: 225-239, 2004.

RESUMO: Os antigos mesoamericanos atribuíam ao jade e similares um valor excepcional. A cor verde e sua semelhança com a água e a vegetação deram origem a uma complexa elaboração simbólica que superou os limites do âmbito aquático, tornando-o expressão máxima de *preciosidade*. Um olhar sobre os livros pictóricos rituais – *teoamoxltli* – e do glifo *chalchihuitl* (jade) dentro do sistema de escrita mesoamericano permite verificar algumas regras de emprego que evidenciam particularidades de seu valor aquático e de fertilidade.

UNITERMOS: Jade – Mesoamérica – Simbolismo aquático – Códices pré-hispânicos.

Introdução

O jade foi um dos materiais mais importantes na ordenação do universo cultural mesoamericano.¹ Símbolo de poder e riqueza foi, antes de tudo, artigo escolhido para presentear os deuses e os grandes senhores, para consagrar edifícios, acompanhar os mortos na vida além túmulo, e curar diversas enfermidades. Isto porque, devido a qualidades específicas como a cor verde, brilho, dureza, durabilidade e raridade, este mineral incorporou, nesta área, um sem-número de significados relacionados a um complexo sistema

simbólico vinculado às águas e a fertilidade, conferindo-lhe o mais alto nível de preciosidade e transformando-o no item número um dos artigos *desejáveis*.

As crônicas do século XVI, bem como os textos de autoria indígena transcritos ao alfabeto, atestam a importância deste material para as populações pré-hispânicas, e estes últimos em especial, evidenciam o seu valor e importância segundo uma visão, diríamos, mais próxima de uma concepção indígena tradicional (França 1999).

Os testemunhos arqueológicos, por sua vez, são extremamente *eloquentes* quanto ao emprego simbólico do jade, revelando sua presença, sobretudo em contextos funerários, votivos e cerimoniais desde o Horizonte Olmeca ou Período Formativo (1500-100 a.C.) até o Pós-Clássico Tardio (1200-1519), às vésperas da chegada dos europeus. Naturalmente, este uso se intensificou a partir do Período Clássico quando o Estado se desenvolveu plenamente e com ele, o acesso aos artigos de luxo – por meio do controle das regiões produtoras, do comércio e de um sistema redistributivo – que tinham como objetivo garantir a

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Doutoranda em Arqueologia, bolsista da FAPESP. Centro de Estudos Mesoamericanos e Andinos – CEMA-USP. lefranca@usp.br

(1) *Jade*, aqui, significa *jade social*, termo usado pelos especialistas, que incorpora, além da jadeíta, pedras verdes de menor valor, como serpentina, quartzos e outras que eram usadas na confecção de artigos de luxo e de culto entre as populações mesoamericanas.

manutenção da hierarquia social, dos cultos religiosos e das trocas de presentes entre as elites.

Para os anos que antecedem a Conquista, portanto, sobretudo no México Central, a arqueologia revela um uso intensivo do jade e demais pedras verdes – *chalchihuitl* em nahuatl – especialmente em contextos oficiais, que apontam para o uso na esfera de prestígio e de suporte a uma religião estatal, essencialmente vinculados àquele complexo aquático e o culto a *Tlaloc*.

Neste artigo, propomos um olhar sobre um outro tipo de documento – genuinamente indígena – mas cuja leitura, sabemos, não constitui tarefa simples: os *amoxtil*, livros escritos a partir do sistema pictoglífico pré-hispânico, conhecidos como *códices*. Apesar disso, acreditamos que um exame cuidadoso dessas fontes poderá oferecer informações importantes sobre o papel do *chalchihuitl* na composição dos textos indígenas relativos ao simbolismo aquático, e consequentemente de seu significado, como forma, inclusive, de ampliar nosso conhecimento acumulado a partir do estudo das fontes alfabéticas e arqueológicas. Em outras palavras, pretendemos abordar, desde uma documentação produzida pelos próprios *indígenas*, como se dava a associação entre o *chalchihuitl* e o simbolismo aquático, bem como sua importância no México Antigo.

O material selecionado é composto pelo conjunto dos códices do Grupo Borgia pertencentes ao horizonte Mixteco-Puebla, todos presumidamente de origem pré-hispânica: *Borgia*, *Vaticano B*, *Laud*, *Fejérváry-Mayer* e *Cospi*. Presume-se que estes *teomoxtil* ou livros rituais seriam um pouco anteriores à Conquista, pertencendo, portanto, ao Pós-clássico Tardio, período em que o jade assume, progressivamente, um papel cerimonial mais amplo.

O significado aquático do *chalchihuitl*

Sob o ponto de vista formal, o *chalchihuitl* pode ser representado, nos códices do Grupo Borgia, como conta ou colares de contas (ou discos, como preferem alguns) verde, vermelha, branca, às vezes com um núcleo amarelo; ou como um *quincunce* ou uma sucessão deles, podendo ser um retângulo com um círculo ao centro, de cores verde e ocre, ou ainda um grande círculo (geralmente vermelho, com núcleo amarelo) com quatro pequenas contas brancas em sua parte externa, distribuídas simetricamente (Fig. 1).

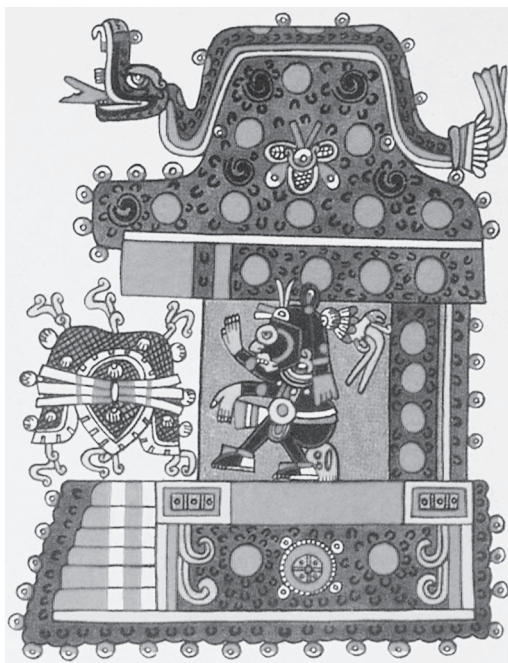


Fig. 1 – Algumas formas de representação do *chalchihuitl* na plataforma do templo: nos contornos, no centro e nas esquinas superiores (Borgia, 35).

Em seu magistral estudo *Les Jades chez les Astèques*, Marc Thouvenot (1982) expõe toda a complexidade do sistema de representações pictoglíficas do *chalchihuitl* nestes e em outros códices, sua infinita variedade formal e seus múltiplos sentidos. O *chalchihuitl* pode assumir a função de glifo toponímico, antroponímico, de ornamento, de tributo além de estar presente na composição de outros glifos, como por exemplo, *Ollin* (movimento) e *Tonatiuh* (sol). Em alguns dos casos, sobretudo nos nomes de lugares e pessoas, possui um valor fonético bem preciso.

Mas, devido ao seu alto valor dentro das culturas mesoamericanas, por trás de todos estes usos está a noção essencial que constitui a causa máxima de suas múltiplas funções: a idéia de *preciosidade*. Entre estas funções, a lingüística é uma das mais recorrentes: *chalchihuitl* é o glifo que designa o conceito de *precioso* dentro do sistema de escrita mixteco-nahua, e é a respeito dessa função conotativa que as questões relacionadas ao valor simbólico são evidenciadas e por isso mesmo, serão aqui,

objetos de análise.² Algumas considerações sobre suas funções ornamentais poderão ser feitas, mas apenas quando possuir relevância dentro do tema estudado.

Mas, mesmo dentro desta categoria ampla de significados metafóricos e cerimoniais, encontraremos inúmeras referências, pois, em geral, esses contextos vêm acompanhados do glifo *precioso*. Existe, no entanto, um contexto muito particular e recorrente no qual o *chalchihuitl* desempenha este papel e que, do nosso ponto de vista, constitui a razão mesma de sua eleição como matéria preciosa: o *simbolismo aquático*.³

O valor aquático do *chalchihuitl* pode ser evidenciado, portanto, já na sua forma de representação, e aqui as fontes materiais nos ajudam a compreender a razão de sua importância, devida ao paralelo da conta com as gotas de água. Esta relação é evidenciada pelos contextos arqueológicos que as apresentam, por exemplo, dentro de vasos Tlaloc e outras divindades da fertilidade ou, ainda, na composição de ambientes aquáticos como as representações do inframundo nas oferendas do Templo Mayor de Tenochtitlan, quando aparecem associados a conchas e outros objetos marinhos.

A evidência material demonstra, igualmente, o uso do *chalchihuitl* na demarcação do centro e das quatro direções, padrão que está de acordo com a própria representação glífica. Tal configuração revela a associação intrínseca entre o *chalchihuitl* e a superfície terrestre, marcada pelo movimento solar anual, com os quatro pontos intersolsticiais (Sprajc 2001) e um centro, dos quais o *quincunce* e o *quadrante* (*nacxit xochitl* = flor de quatro pétalas) são as duas maiores expressões (Brotherston 1997: 119-140). Concebido como quincunce – que tem como referência uma paisagem de montanhas –, o *chalchihuitl* faz recordar o *Tlalocan*, a grande montanha administrada por Tlaloc e seus ajudantes, paraíso da fertilidade dividido em quatro rumos. Um outro elemento que

vem reforçar tanto o seu significado aquático quanto sua associação com Tlaloc é o seu uso privilegiado – sob forma de colares, pingentes, brincos e círculos ao redor dos olhos – na composição da imagem da divindade (Fig. 2).

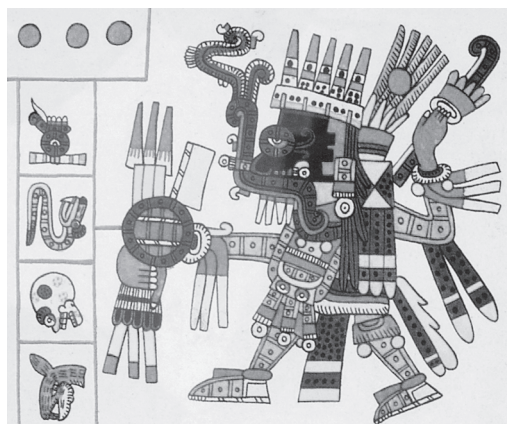


Fig. 2 – Tlaloc. Boca, círculo ao redor dos olhos, colar e escudo de *chalchihuitl*. Note-se que os membros e os pés da divindade são representados com *chalchihuites* amarelo/ocre (Borgia, 25).

A associação de Tlaloc com o mundo aquático é, como sabemos, um fenômeno antigo na Mesoamérica, embora, tenha sido conhecido por distintos nomes nas diferentes culturas e possuído, provavelmente, atributos específicos de matizes locais. As representações do Grupo Borgia estão pautadas em uma cosmovisão de raízes antigas dentro da Mesoamérica, que incluía um complexo culto relacionado aos fenômenos naturais – em particular, no âmbito aquático.⁴ Tais crenças vinculadas ao âmbito do inframundo, teriam resultado no estabelecimento de uma geografia sagrada: as montanhas, as grutas e cavernas, as fontes, os rios, as árvores e a vegetação constituem zonas liminares de grande importância, e por isso

(2) A respeito da infinidade de formas de representação do glifo *chalchihuitl*, ver Thouvenot (1982).

(3) No sentido que lhe dá Mircea Eliade (1993: 336): um sistema que vincula a água, a terra, a lua e outros fenômenos naturais que representam o aspecto feminino do universo. Segundo este autor, simbolismo aquático é o mais *totalizador* dentro das experiências humanas com o sagrado.

(4) Uma outra distinção se faz, aqui, necessária. Sabe-se que existem, sobretudo com respeito a Teotihuacan, duas manifestações distintas do chamado *Tlaloc*: um *Tlaloc-jaguar* relacionado à guerra e um *Tlaloc-crocodilo* relativo ao mundo aquático e às chuvas, cujos atributos principais são o raio em uma das mãos e um jarro d'água em outra, e é deste personagem que tratam os códices em questão. Ver Paztory (1974).

mesmo, são temas recorrentes dentro do sistema de escrita mesoamericano (Heyden 1998a; 1998b). Para uma época mais tardia, sabemos, por intermédio de ampla documentação, que esta geografia sagrada compara a superfície da terra a uma grande montanha dentro da qual se armazenam as águas, o coração das sementes e de outros seres vivos, e que se ligam à superfície por meio das grutas, das fontes e dos rios. Tal montanha é concebida como o *Tlalocan* (lugar de Tlaloc), que, como dissemos, está dividida em quatro partes, em cada uma das quais um dos quatro *tlaloques* (pequenos auxiliares do deus) derrama a chuva com seus vasos de *chalchihuitl* (*Historia de los mexicanos por sus pinturas*; Broda 1982; 1996).

Mas, a distribuição espacial na Mesoamérica não pode ser compreendida sem a dimensão temporal. Por tratar-se de uma divindade vinculada aos fenômenos naturais existe uma ligação muito estreita entre esta e o ciclo solar de 360 + 5 dias. Os quatro rumos do universo – as direções intercardinais: noroeste, nordeste, sudeste e sudoeste – relacionam-se, assim, com os movimentos do sol que cruzam o céu, daí que o *quincunce* parece ter uma conotação ao mesmo tempo, espacial e temporal. Além disso, no cômputo calendárico, as quatro direções estão relacionadas às trezenas do *xiuhmolpilli*, ciclo de 52 anos (4 x 13 = 52), e aos quatro signos que encabeçam os anos solares: *acatl*, *tecpatl*, *calli* e *tochtli* (junco, pedernal, casa e coelho – respectivamente). Finalmente, as quatro direções estão associadas às trezenas dos dias do *tonalpohualli*, ciclo ritual de 260 dias baseado na gestação humana.

Apresentamos, a seguir, uma breve análise das imagens relacionadas ao simbolismo aquático que tem como figura central *Tlaloc*, tradicionalmente reconhecido como entidade responsável pela chuva e fertilidade da terra e, eventualmente, a sua contraparte feminina – *Chalchiuhitlicue* – protetora das águas terrestres (rios, fontes e lagos). A descrição das imagens e de seu significado geral será breve e baseada na interpretação dos estudiosos; descreveremos apenas o suficiente para a compreensão do fenômeno que se quer tratar, ou seja, a representação do *chalchihuitl*. Naturalmente, o que propomos é uma hipótese de leitura baseada em algumas imagens, mas cujos resultados poderão produzir algumas reflexões importantes.

Borgia

A análise das imagens do Códice Borgia é a mais trabalhosa devido à sua complexidade. As páginas escolhidas são 27 e 28 que representam Tlaloc relacionado ao centro e às quatro direções e seus correspondentes no cômputo calendárico cuja leitura segue em sentido anti-horário, iniciando-se no canto inferior direito de cada página.

Na página 27 (Fig. 3), Tlaloc vem representando as trezenas do *xiuhmolpilli* (ciclo de 52 anos sazonais), assumindo atributos de outras divindades. Cada trezena, que, na verdade, apresenta datas mais específicas, com dia e ano, prevê um destino para as colheitas. Sua leitura se inicia com Tlaloc, no oriente, assumindo na primeira trezena (ano *Junco*, *2Crocodilo*) aspecto de *Lagarto*. Assenta-se sobre um lagarto (a terra) que é fértil e o céu está nublado.

Para o dia *IPedernal*, do ano *IMorte*, Tlaloc, amarelo, representa, ao norte, a segunda trezena com o aspecto de *Morte*. O céu está aberto, com raios de sol e a terra está seca: aqui a divindade assenta-se sobre uma terra árida, cheia de pedras e os gafanhotos devoram as espigas de milho.

No ano *ICasa*, dia *IMacaco*, no terceiro período de 13 anos, Tlaloc está no rumo oeste, com aspecto de *Macaco*. O céu está coberto de nuvens e a terra em que se assenta está inundada: sinal de boa colheita.

Na última trezena, do dia *ICoelho* do ano *IZopilote*, a divindade na cor vermelha está ao sul, com aspecto de *Zopilote*.⁵ O céu está limpo, com muito sol, a terra está seca e os ratos devoram as espigas de milho, como sinal da má colheita.

No centro do mundo, vemos Tlaloc como vítima de sacrifício, sobre uma terra preciosa representada como um recipiente de *chalchihuitl*, dentro do qual o esperam duas jovens deusas das sementes. O céu está escuro, e contém nuvens e navalhas de pedernal que representam execução e sacrifício e o Sol se eclipsa.

Considerando os quatro rumos, temos dois períodos de seca, praga e más colheitas – ao norte e sul – e dois de colheitas favoráveis, em que há chuvas.

(5) *Zopilote* é uma ave de rapina, semelhante ao urubu, exclusiva da Mesoamérica e América Central, não tendo, portanto, equivalências em português. Por isso mantemos o termo em espanhol.

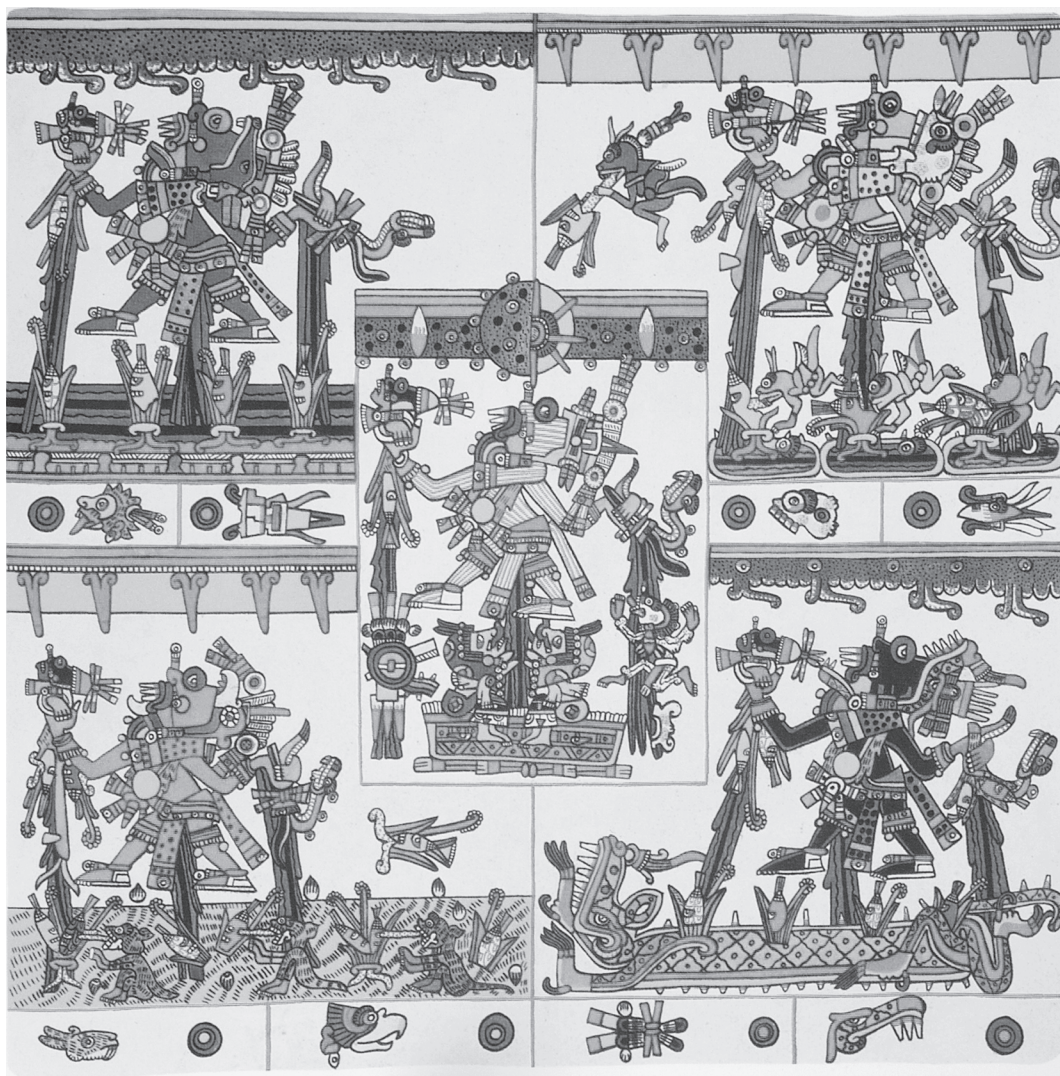


Fig. 3 – As trezenas do xiuhmolpilli (ciclo de 52 anos) e os prognósticos para a agricultura, representados por Tlaloc em suas cinco manifestações (Borgia, 27).

Na primeira trezena, o céu é nublado e escuro (a obscuridade está representada pelo ‘olho estelar’ um círculo metade branco, metade vermelho), expressando um céu carregado, e a terra assume seu aspecto fértil (lagarto), resultando em uma boa colheita. No canto oposto, o céu está nublado, mas não carregado, e a terra é representada por um lago – o que indica que já houve chuvas suficientes.

No centro temos um céu carregado e escuro, com navalhas de pedernal, provavelmente relacionadas ao aspecto de sacrifício da figura de Tlaloc.

Aqui, no centro do universo, ponto de tensão e equilíbrio, a terra é representada como um recipiente precioso (de *chalchihuitl*), cuja fertilidade é obtida por meio do sacrifício e de chuvas alvissareiras. Assim, os prognósticos de chuvas – revelados pelo aspecto do céu carregado – constituem a condição para a fertilidade da terra, a qual, precisamente no centro, é concebida como um *chalchihuitl*.

Na página 28 (Fig. 4), diferentemente da anterior, temos a seqüência dos cinco primeiros

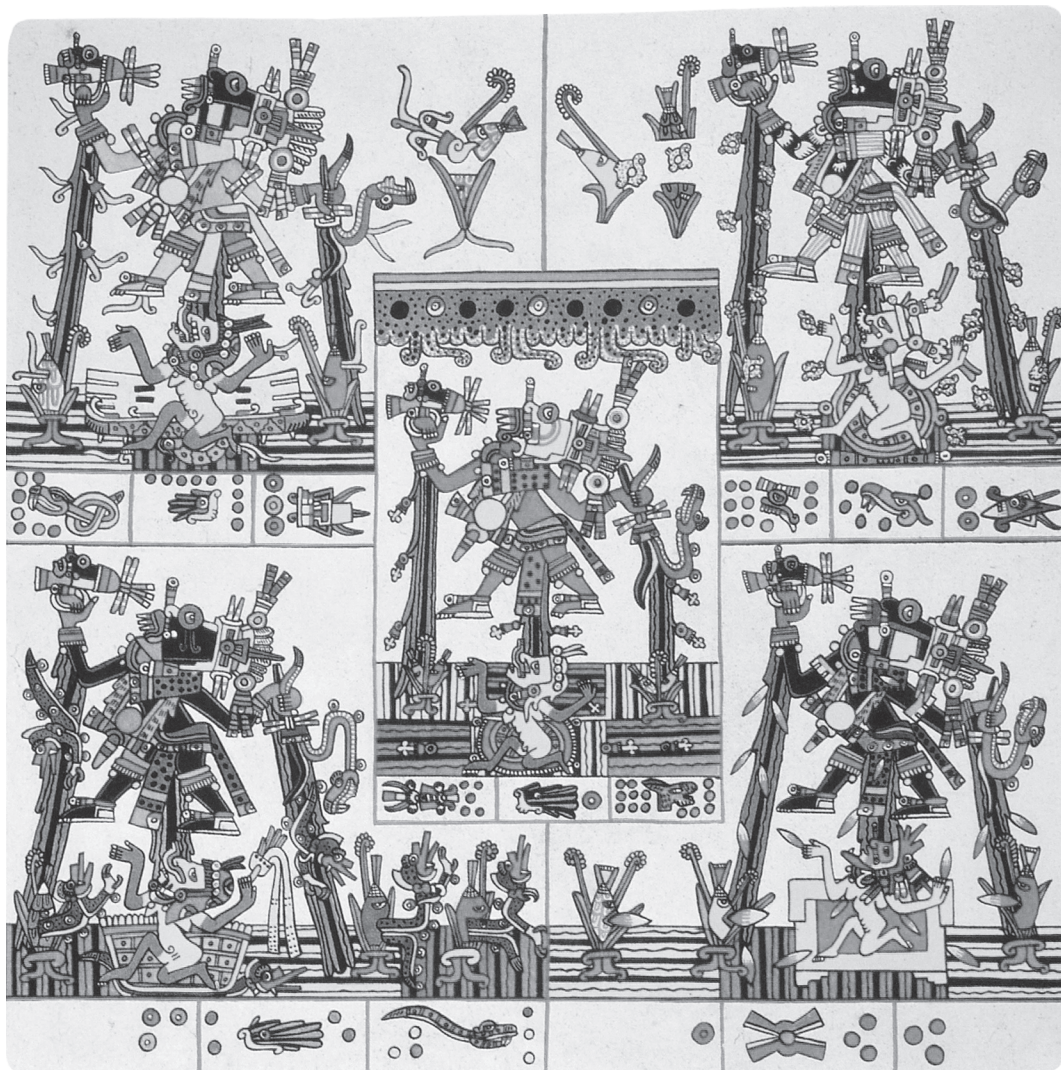


Fig. 4 – Prognóstico para a agricultura nos cinco primeiros anos do xiuhmolpilli, representado por Tlaloc em seus diferentes aspectos (Bórgia, 28).

anos do *xiuhmolpilli*, com a indicação de dias, e seus respectivos prognósticos para as colheitas. Em cada ano (ou direção) Tlaloc assume atributos de outros deuses. A leitura desta página inicia-se no canto inferior direito.

Para o ano *1Junco*, (os dias aqui estão apagados) Tlaloc está no Oriente e manifesta-se como *Tezcatlipoca*. A terra é um caixa de tesouros (*petlacalli*) e a sua fertilidade está representada pela mãe de *Quetzalcóatl* (que, segundo o mito, o concebeu ao tragar um *chalchihuitl*). A chuva

contém navalhas de pedernal que cortam as espigas de milho e a fertilidade.

O segundo ano, *2Pedernal* com os dias *5Crocodilo* e *10Chuva*, Tlaloc encontra-se com o aspecto de *Tlahuizcalpantecuhli* (Senhor de Vênus) ao norte. Assenta-se sobre a terra representada como um grande pote de jade. A chuva contém granizo que atinge as espigas e a fertilidade da terra, representada por *Xochiquetzal*.

Os dias *9Água* e *7Serpente* do ano *3Casa* apresentam Tlaloc no rumo oeste, manifestando-se

como *Xiuhtecuhtli*. A terra é representada como a boca de um lagarto aberta, e a chuva contém chamas de fogo que queimam as espigas e a fertilidade representada pela deusa *Xantico*.

O quarto ano, *4Coelho*, com os dias *4Água* e *6Serpente* representa Tlaloc no Sul como Quetzalcóatl. A terra sobre a qual se assenta, é um recipiente de *chalchihuitl* e a chuva contém serpentes de vento que, segundo os intérpretes, destroem a espiga e a fertilidade que é *Chalchiuhhtlicue*.

No centro do mundo está Tlaloc no ano *5Junco* com os dias *1Água* e *13Veado*. Manifesta-se entre um céu nublado e escuro e a terra, representada como um grande jade ou *chalchihuitl* em meio à milpa. A chuva contém flores, que caem sobre as espigas e sobre a deusa do milho que incorpora a fertilidade, num aspecto benéfico.

Mais uma vez, a representação do *chalchihuitl* é muito expressiva. Diferentemente da página 27, os quatro rumos não apresentam céu, e a terra é sempre representada como algo precioso. Entretanto, parece haver uma correlação entre as formas de representar a terra e os elementos que caem em forma de chuva. Tanto no Oriente como no Ocidente, sob as influências de *Tezcatlipoca* e *Xiuhtecuhtli*, respectivamente, a terra é representada por elementos preciosos não aquáticos e os fenômenos que caem do céu são símbolos *quentes*: no oriente, a terra é uma *petlacalli* (caixa de tesouros) e a chuva de facas sacrificiais; no ocidente, a terra é a face de um lagarto e a chuva é de fogo. Em contrapartida, nos quadrantes norte e sul temos a representação da terra como um vaso de *chalchihuitl* e chuva de granizo ao norte, e ao sul, a terra como uma vasilha de jade e chuva de vento úmido. Ao contrário dos quadrantes leste e oeste, estes apresentam chuvas de elementos aquáticos e neles, não por acaso, a terra é representada como recipientes de jade, expressão de fertilidade e riqueza.

Mas é no centro, novamente, que a tensão se resolve e que aparece um elemento novo que é o céu. Tlaloc encontra-se sob um céu escuro, repleto de *nuvens* e tem aos seus pés a terra, que é um grande jade. Fica estabelecida uma vez mais a relação de complementaridade aquática entre céu e terra: nuvens que contém chuva e a terra fértil, ao centro, que recebe a umidade, concebida como um *chalchihuitl*. Além disso, a chuva de flores (conhecido símbolo de fertilidade na Mesoamérica) reforça a idéia de fertilidade, coroando o equilíbrio da cena.

Vaticano B

Neste documento, selecionamos o capítulo correspondente à página 69, intitulado pelos editores *As cinco manifestações do deus da chuva*. Seu conteúdo é semelhante à página 27 do Borgia, constituindo um conjunto de prognósticos para a atividade agrícola relacionados às quatro trezenas do ciclo de 52 anos, que correspondem aos quatro pontos cardeais, além do centro (Fig. 5).

Para o dia *1Lagarto* do ano *1Junco* da primeira trezena, Tlaloc apresenta-se em seu aspecto negro e está no Oriente, sob o signo Lagarto (caráter primordial e criativo). O céu está nublado e a terra, representada como um lagarto, é fértil. Nas mãos da divindade, uma planta de milho e um colar de jade expressam a idéia de boa colheita.

A segunda trezena, a do ano *1Pedernal*, dia *1Morte*, vem representada por um Tlaloc amarelo situado ao norte e personificando o signo *Morte*. O céu está ensolarado e a terra é um monstro negro, duro e cheio de pedras. Nas mãos do deus, o milho está sendo devorado pelos insetos, o que significa fracasso na colheita.

Para o dia *1Macaco* do ano *1Casa* da terceira trezena, Tlaloc está no Ocidente, é azul e personifica o signo *Macaco* (caráter leviano e artístico). O céu está nublado e a terra cheia de água e Tlaloc segura a planta do milho com o colar de jade, significando que a colheita será abundante e rica.

Na quarta trezena, a do ano *1Coelho*, dia *1Zopilote*, Tlaloc está no rumo sul, é vermelho e representa o signo *Zopilote* (ancião). O céu está ensolarado e a terra seca. A planta em sua mão está sendo comida pelos ratos, sinal de perda da colheita.

No centro, assentado sobre a face do Lagarto que é a terra, Tlaloc está pintado de listras vermelhas e brancas como vítima de sacrifício. Segura seu machado (metáfora de raio) em uma das mãos e na outra a planta do milho e o colar de jade. Abaixo, a representação de armas e ossos é interpretada como alusões à guerra e a morte, relacionadas, provavelmente ao sacrifício.

No códice Vaticano B, ao contrário do Borgia, o *chalchihuitl* é pouco usado. Aqui, ele está ausente do céu e da terra, aparecendo somente sob forma de colar, mas de maneira muito significativa: é empregado para indicar a prosperidade e abundância da colheita – a riqueza por excelência.

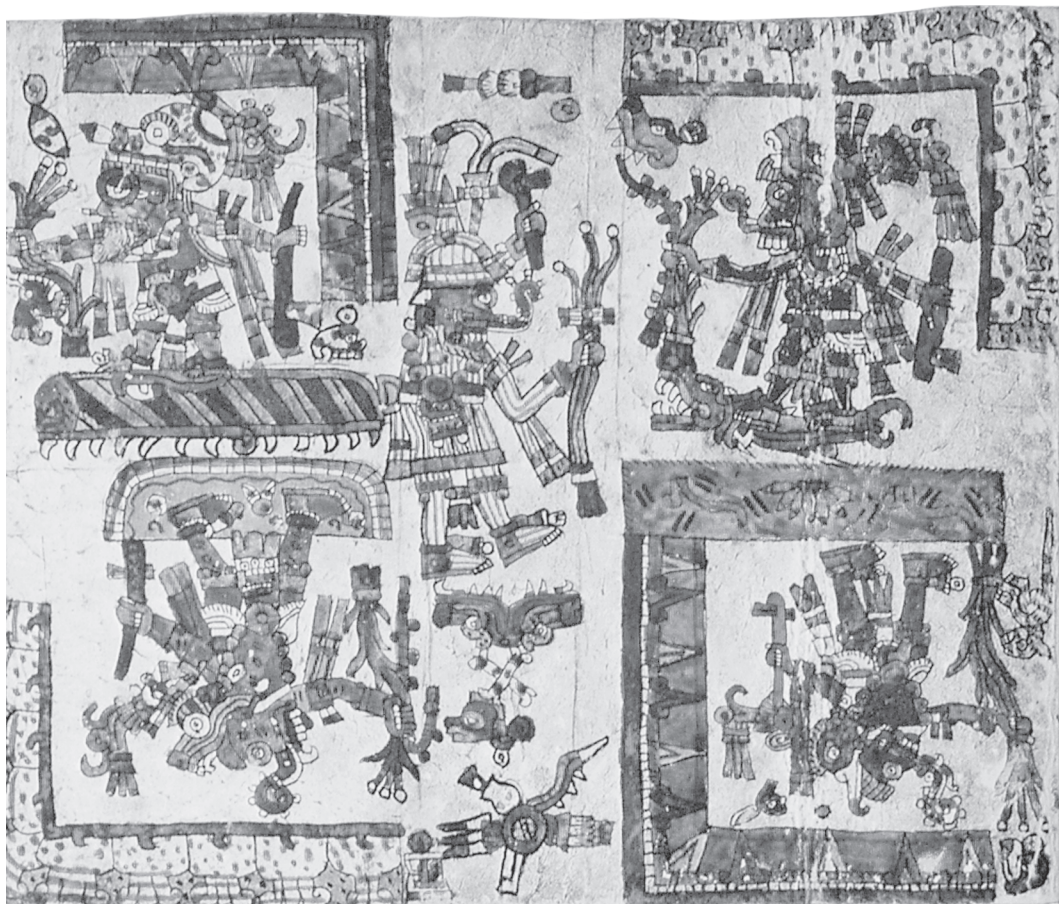


Fig. 5 – Tlaloc, em suas cinco manifestações, representando os prognósticos para a agricultura nas trezenas do *xiuhmolpilli* (Vaticano B, 69).

A relação dos colares com os âmbitos terrestres e celestiais pode ser explicada da seguinte maneira: Tlaloc está adornado com os colares de *chalchihuitl* somente nas trezenas onde há céu com chuva abundante (e não ensolarados) que propicia sua fertilidade natural (lagarto) ou água em abundância (lago).

Um dado significativo é que os adornos da divindade parecem ter uma correspondência qualitativa com a cena: nas trezenas favoráveis eles são muito visíveis, sobretudo na direção oeste em que a terra é cheia de água e seu colar é o mais elaborado. Na trezena do norte, nefasto, ele está ausente, embora seja visível (mas não muito elaborado) na trezena do sul, também nefasta. O fato é que nos três períodos favoráveis as jóias são visivelmente mais luxuosas.

Laud

Neste documento escolhemos a página 23 (Fig. 6) que tem como elemento central a figura de Tlaloc como senhor dos vinte signos calendáricos, segurando em uma das mãos seu *chicahuaztl* (cetro que representa a fertilidade) e na outra, seu bastão em forma de serpente de fogo (raio).

Na parte inferior da página, abaixo de Tlaloc, está o mar, onde nadam criaturas marinhas e o lagarto precioso que é a terra, ao centro, representado com um grande *chalchihuitl* em seu interior. No canto inferior esquerdo, acima do mar, está uma rã, que sob ordens da divindade, joga água no mar com um vaso de *chalchihuitl*.

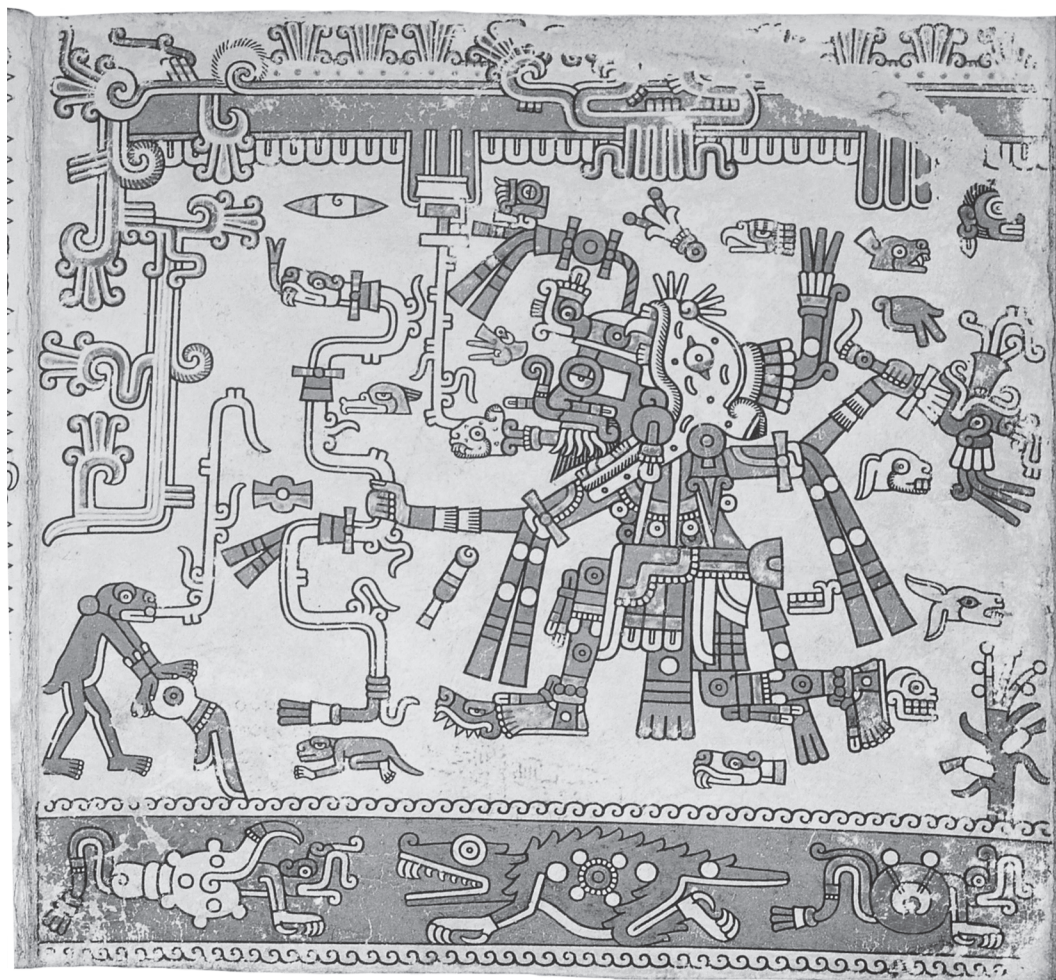


Fig. 6 – Tlaloc como senhor dos vinte signos do *tonalpohualli* (Laud, 23).

Nos chama a atenção, nesta imagem o vaso de *chalchihuitl* – como o dos tloques, com os quais estes derramam as águas sobre a terra – mas aqui, enchendo os oceanos. Além disso, o lagarto submerso (símbolo da terra) está ornado com um grande *chalchihuitl* em forma de quincunce, uma provável referência à fertilização da terra pelas águas do mar – fonte máxima de fertilidade (Broda 1982). Estes elementos confirmam, mais uma vez, a presença do *chalchihuitl* como expressão de fonte de água, de vida e fertilidade.

Fejérváry-Mayer

Na página 4 (Fig. 7) deste documento há uma referência importante a Tlaloc como um dos *Nove*

Senhores da Noite. De forma semelhante à representação descrita do Códice *Laud*, vemos Tlaloc sobre um grande lagarto (a terra) rodeado pelo mar, cuja língua se transforma na serpente de fogo, atributo do deus.

A oferenda à divindade, situada abaixo, está composta de milho, corações e instrumentos de sacrifício. Mais abaixo, ainda, as oferendas de *ocote* e *hule* são postas sobre o manancial de águas preciosas, lugar de culto à divindade, como também atestam as fontes escritas.

O *chalchihuitl* aqui aparece no olho do lagarto – a terra – e no manancial das águas, mais uma vez, os dois elementos de máxima preciosidade na simbologia aquática.

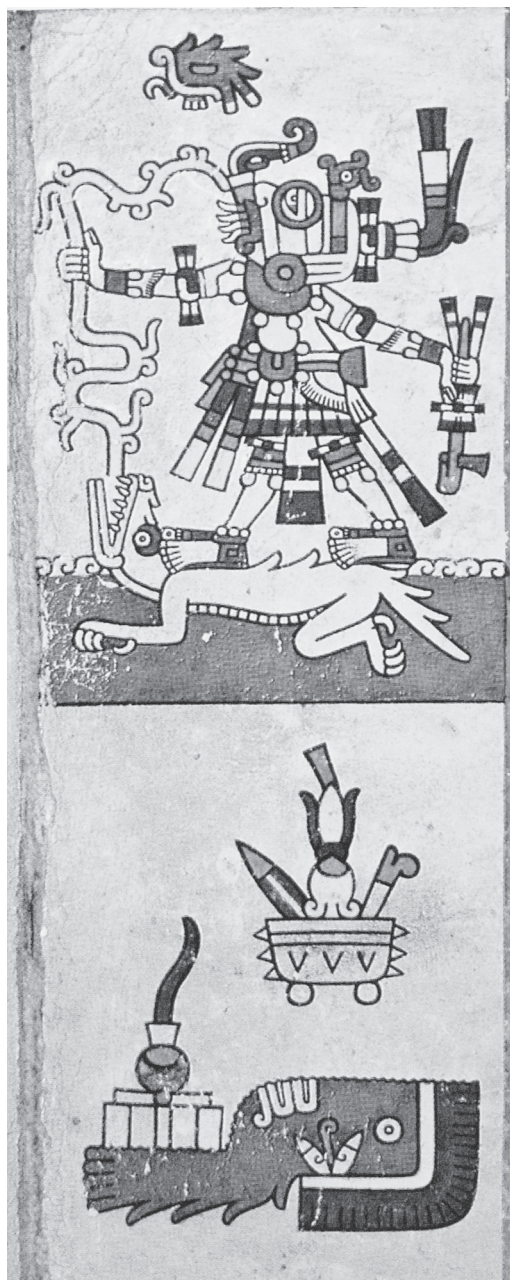


Fig. 7 – Tlaloc como um dos nove senhores da noite (Fejèrváry-Mayer, 4).

Cospi

Neste documento, a referência mais explícita a uma divindade aquática está relacionada não a *Tlaloc*, mas a *Chalchiuhtlicue*. Em um capítulo

dedicado à incidência de Vênus sobre a sociedade,⁶ vemos na página 9 uma representação da segunda trezena do *tonalpouhualli* e do ciclo de Vênus de 584 dias sob a influência *Tlauizcalpantecuhtli*, personificação do planeta. Nela, o Senhor Vênus perfura o coração de *Chalchiuhtlicue*, a deusa das águas, atingindo a árvore de jade (riquezas e a descendência) – o que representa um tempo de seca e miséria (Fig. 8).

Note-se, aqui, a árvore de jade em forma de quincunce que nasce da cabeça da deusa, referindo-se claramente aos quatro rumos do universo. Além disso, seu tronco é composto de *chalchihuites* e, da mesma forma, seus frutos, que nascem em cada uma das direções – apesar de que um deles não é visível, outro apenas parcialmente, como se estivessem fora da página – e que se constituem, por sua vez, de quincunces. O ataque de Vênus tem precisamente aqui, o sentido de atingir este domínio, que é interpretado como sustento, riqueza e descendência – naturalmente, de origem aquática.

Conclusão

O conjunto das imagens analisadas demonstra claramente a associação do *chalchihuitl* com as representações aquáticas e de fertilidade. Mais que isso, permite compreender sua importância na expressão, ao mesmo tempo, das águas, das chuvas, umidade e fertilidade, extraindo desses fenômenos, tão importantes para a manutenção da vida entre os antigos mesoamericanos, o seu sentido de *precioso*.

Podemos observar, inclusive, que a representação do *chalchihuitl* está construída dentro dos moldes espaciais da cosmovisão mesoamericana, tão detalhados pelas fontes indígenas de origem pictórica ou alfabética, conferindo-lhe um papel central.

O *chalchihuitl* é a expressão máxima da fertilidade da terra – na forma de um grande jade, um recipiente de jade ou sob a forma de um lagarto com jade – ou mesmo das águas terrestres ou oceânicas, constituindo, portanto, um símbolo, por excelência, do mundo subterrâneo, ao qual está ligada a superfície terrestre. Tal idéia pode ser

(6) Dentro da Cosmovisão Mesoamericana, o planeta Vênus é um símbolo ambivalente: benéfico em seu aspecto matutino e maléfico em seu aspecto vespéral. Este último, segundo se acreditava, trazia males e enfermidades.

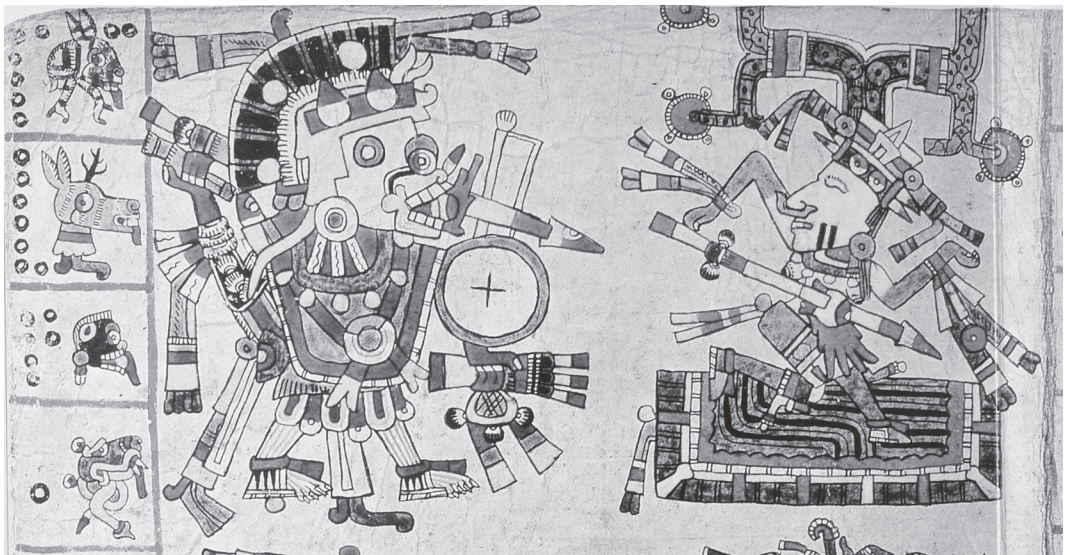


Fig. 8 – Na segunda trezena de Vênus, Chalchihuitlicue tem seu coração perfurado por Tlauizcalpantecuhtli (Cospí 9).

apoiada pela deposição do jade e similares nas camadas intermediárias e profundas dos depósitos espacialmente relacionados ao altar de Tlaloc, no Templo Mayor.⁷

Por outro lado, constitui um elemento importante na configuração deste nível intermediário do Cosmos, dividido em quatro rumos e um centro. Este papel de *localizador* do jade relativamente ao centro e às quatro direções cósmicas – que se manifesta frequentemente através de sua relação com os tlaques e o Tlalocan – está de acordo com os testemunhos das fontes escritas e materiais. Segundo os informantes de Sahagún, os *chalchihuites* provinham da terra dos Olmecas, uma terra *fertilíssima, por lo cual la llamaron los antiguos Tlalocán, que quiere decir, tierra de riquezas y paraíso terrenal* (Sahagún, livro X, cap. XXIX, p. 97). A mesma fonte relata um ritual praticado nas festas de *Etzalqualiztli*, no qual se estendia uma esteira de junco e folhas junto ao adoratório de Tlaloc e sobre ela quatro *chalchihuites* redondos à

maneira de bolinhas; então o sacerdote do deus tomava um graveto pintado de azul com o qual tocava cada uma das bolinhas fazendo-as girar (idem, livro II, cap. XXV, p. 31-32).

Esta relação é, ainda, magistralmente ilustrada pela *petlacalli* de Tizapán (Fig. 9), em que vemos os quatro tlaques vermelho, negro, branco e amarelo, nas quatro direções, com seus *chalchihuites* ao redor dos olhos, segurando o céu, representado por um enorme *chalchihuitl*. Além disso, nas oferendas do Templo Mayor, as contas de jade foram frequentemente utilizadas para simbolizar o cosmos. Para citar dois exemplos, temos a oferenda 16/16-A, que apresenta no centro uma imagem de *Xiuhtecuhtli* – divindade que representa o centro do cosmos – com uma grande conta de jade e quatro outras menores demarcando os 4 pontos intercardinais (Fig. 10). A oferenda 41, um depósito em cista, traz em seu centro uma *petlacalli* cheia de estatuetas de pedra verde (substituta do jade) que representam os *tlaques*, além de figuras zoomorfas relacionadas ao inframundo (peixes, rãs, serpentes, cães e aves aquáticas). Ao redor da *petlacalli*, interpretada como o próprio *Tlalocan*, os sacerdotes mexicas depositaram cinco fragmentos de pedra verde nas esquinas nordeste, noroeste e sudeste, e é possível que originalmente estivessem distribuídos de forma a demarcar os cinco rumos (Fig. 11).

(7) Este fenômeno é o resultado dos dados gerados pela tese de doutorado da pesquisadora, intitulada *O Monte das Águas-queimadas: o Simbolismo das Pedras Verdes nas Oferendas do Templo Mayor de Tenochtitlan, México*, que, por ocasião da entrega deste artigo, encontra-se em fase de conclusão.

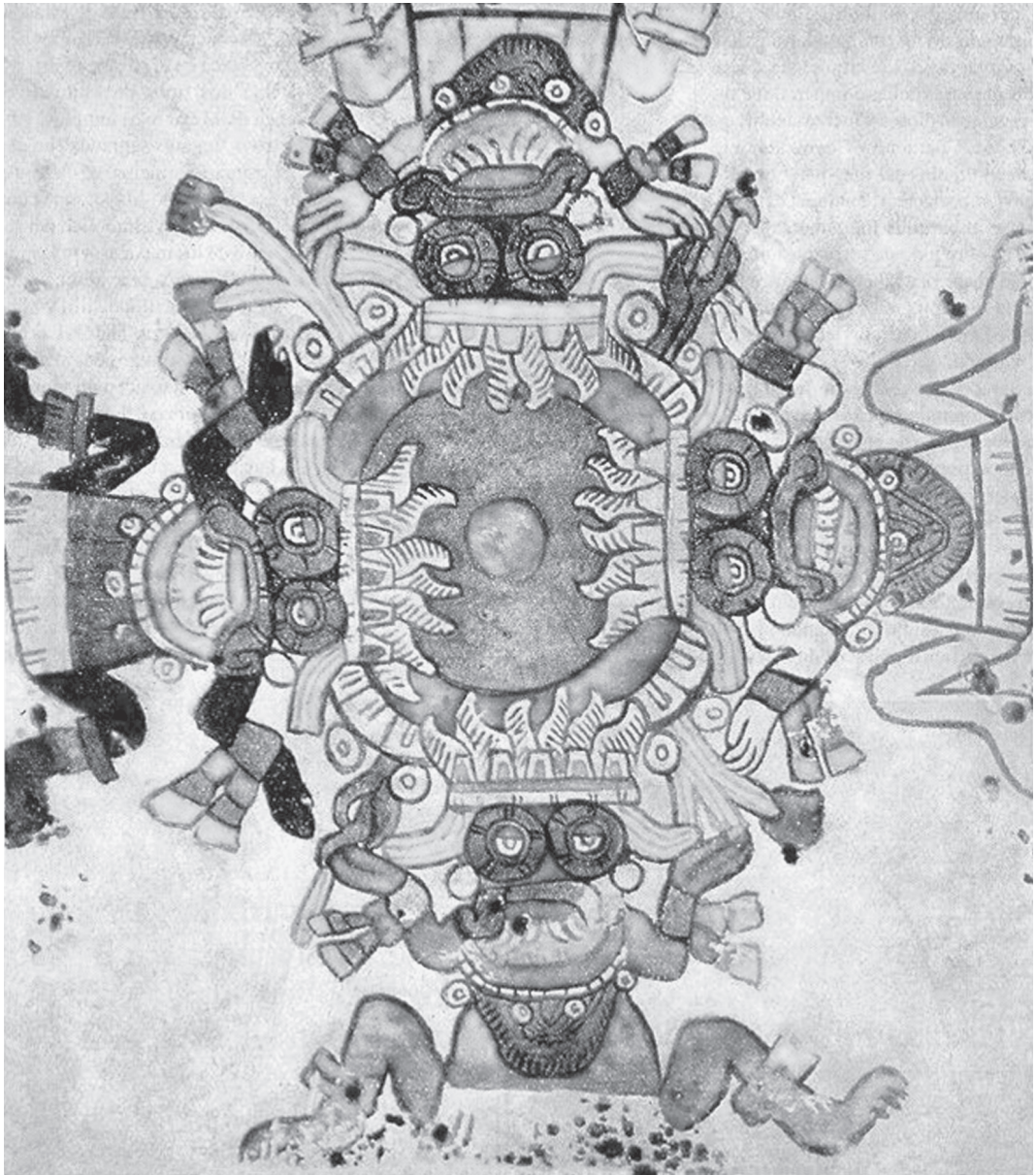


Fig. 9 – Decoração da tampa da petlacalli de Tizapán, representando os quatro tloques nas quatro direções e um chalchihuitl ao centro (extraído de Broda 1996).

Observamos, portanto, um privilegiamento do *chalchihuitl* nas delimitações do centro do universo, como nos conjuntos harmônicos das páginas 27 e 28 do Borgia, no Lagarto no centro da página 23 do Laud – fenômeno reiterado pelos exemplos arqueológicos mencionados da caixa de *Tizapán* e das oferendas 16

e 41 do Templo Mayor. Essa posição central parece estar vinculada ao centro da grande montanha, morada de Tlaloc – *Tlalocan* – fonte das águas e da vida terrena, que segundo López Austin é também *Tamoanchan*, lugar de equilíbrio e síntese das quatro direções, ponto de contato entre os deuses e os seres terrenos,



Fig.10 – Oferenda 16-A exibindo chalchihuites que assinalam os rumos cósmicos (Foto de Salvador G. Arroyo, Arquivos do Museu do Templo Mayor).

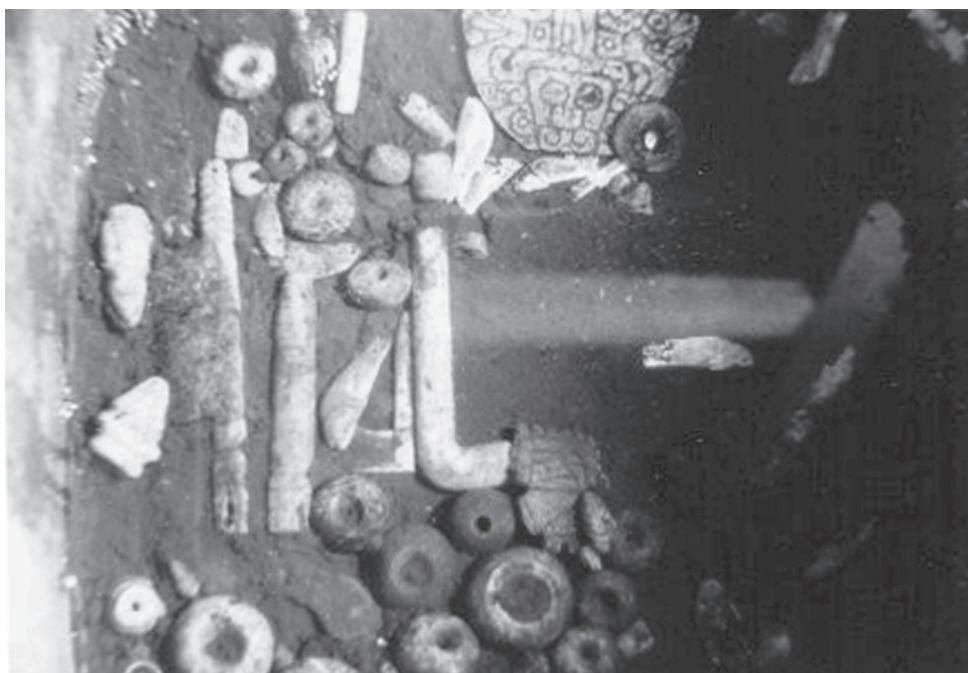


Fig 11 – Oferenda 41, representando uma petlacalli cheia de tesouros aquáticos (Foto de Salvador G. Arroyo, Arquivos do Museu do Templo Mayor).

sítio de contínua transformação, em outras palavras, de fertilidade. O *chalchihuitl* é, assim, o símbolo de vida por excelência (López Austin 1994).

Não é, pois, difícil compreender porque o jade constituiu, no México Antigo, a expressão máxima de preciosidade. Na verdade, em um nível de

leitura mais profundo, os *teomoxtli* evidenciam de forma muito nítida – através do uso sistemático do *chalchihuitl* em seu sistema de escrita – a importância decisiva da água para as populações mesoamericanas, que construíram Estados poderosos em uma dependência contínua da natureza enquanto fonte absoluta de vida e criação.

FRANÇA, L.M. The jade symbolism in the *teomoxtli* of the Borgia group. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 14: 225-239, 2004.

ABSTRACT: The jade – like other similar greenstones – was very high valued among Mesoamerican peoples. For its green color and resemblance with water and vegetation it was related to a complex water symbolism, which converted it in the maximum expression of preciousness. It can be found in the *teomoxtli* – the ritual pictorial native books – and under the form of the glyph *chalchihuitl* (jade), in several contexts, rules that guide the usage of the term, and that show how the jade carried a strong water and fertility meaning content.

UNITERMS: Jade – Mesoamerica – Aquatic Symbolism – Pre-Hispanic Codexes.

Referências bibliográficas

- BRODA, J.
1982 El culto mexica de los cerros y del agua. *Multidisciplina*, México, UNAM-Acatlán, 7: 45-56.
1996 Paisajes rituales del Altiplano central. *Arqueología Mexicana: Los dioses de Mesoamérica*. Vol IV, 20, Julio-Agosto: 40-49.
- BROTHERSTON, G.
1997 *La América indígena en su literatura: los libros del cuarto mundo*. México: FCE.
- CODICE BORGIA. LOS TEMPLOS DEL CIELO Y DE LA OSCURIDAD. ORACULOS Y LITURGIA
1993 Introdução e explicação de Ferdinand Anders, Maarten Jansen e Luis Reyes García. México: FCE.
- CODICE COSPI. CALENDÁRIO DE PROGNÓSTICOS E OFRENDAS
1994 Introdução e explicação de Ferdinand Anders, Maarten Jansen e Peter Van der Loo. México: FCE.
- CODICE FEJÉRVÁRY-MAYER. EL LIBRO DE TEZCATLIPOCA SEÑOR DEL TIEMPO
1994 Introdução e explicação de Ferdinand Anders, Maarten Jansen e Gabina Aurora Perez Jimenez. México: FCE.
- CODICE LAUD. LA PINTURA DE LA MUERTE Y DE LOS DESTINOS
1994 Introdução e explicação de Ferdinand Anders, Maarten Jansen, com contribuição de Alejandra Cruz Ortiz. México: FCE.
- ELIADE, M.
1993 *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes.
- FRANÇA, L.
1999 *Transformações da Noção de Valor na Mesoamérica: os 'Objetos Preciosos' como Intermediários nas Trocas Indígenas e o seu Encontro com a Moeda Metálica*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH/USP.
- HEYDEN, D.
1998a Las cuevas de Teotihuacan. *Arqueología Mexicana: Ritos de México Pré-hispánico*. Vol. VI, 34, novembro-dezembro: 18-27.
1998b *México. Orígenes de un símbolo*. México: INAH.
- LÓPEZ-AUSTIN, A.
1994 *Tamoanchán y Tlalocán*. México: FCE.
- LÓPEZ LUJÁN, L.
1994 *The Offerings of the Templo Mayor of Tenochtitlan*. Niwot, University Press of Colorado.

PAZTORY, E.

- 1974 The Iconography of the Teotihuacan Tlaloc. *Studies in Pre-Columbian Art & Archaeology*, 15. Washington, D.C. Dumbarton Oaks.

SAHAGÚN, BERNARDINO, FREI

- 1975 *História Geral de las Cosas de la Nueva España*. México: Editoria Porrúa.

SPRAJC, I.

- 2001 La Astronomia. L. Manzanilla; e L. López Luján (Eds.) *Historia Antigua de Mexico*. México, UNAM/INAH.

THOUVENOT, M.

- 1982 *Les Jades chez les Astèques*. Paris: Institut D'Ethnologie.

Recebido para publicação em 18 de novembro de 2004.